

## O PAPEL DO JORNALISMO NA CONSTRUÇÃO DA INDIGNAÇÃO SELETIVA

Patrícia Carvalho Leite (IC) e Denise Cristine Paiero (Orientador)

**Apoio: PIBIC Mackenzie**

### RESUMO

A repercussão dos atentados terroristas na Somália – que dizimou mais de 300 pessoas – e em São Petersburgo – com aproximadamente 16 pessoas mortas -, ambos em 2017, sugerem uma disparidade na cobertura jornalística feita pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* em relação aos dois acontecimentos, com destaque para a tragédia de São Petersburgo. Desse modo, com o objetivo de verificar essa possível divergência, o presente estudo analisou de forma comparativa as matérias publicadas pelos jornais sobre os atentados por meio das imagens, posição e tamanho dos textos e tempo de repercussão. Além disso, foram estudados os critérios de escolha por trás da relevância atribuída a cada matéria. As análises foram baseadas em teorias sobre critérios de noticiabilidade, indignação seletiva, e a editoria de jornalismo internacional, desenvolvidas por autores da área da comunicação como Nelson Traquina, Tom Wolf e Walter Lippmann. Após os estudos foi possível confirmar a hipótese inicial do projeto sobre a disparidade na cobertura dos atentados, com maior destaque para o atentado de São Petersburgo, o qual obteve reportagens com abordagens mais complexas e prioridade na ordem de publicação. Foi possível, ainda, propor uma reflexão acerca da conduta jornalística atual, a influência de interesses econômicos sobre o editorial jornalístico e o compromisso do jornalismo com o público.

**Palavras-chave:** Cobertura jornalística. Atentados. Repercussão.

### ABSTRACT

The repercussions of the terrorists attacks in Somalia – which killed more than 300 people – and in St. Petersburg – about 16 people killed – both in 2017, suggested a disparity in the coverage of the *Folha de S. Paulo* and *O Estado de S. Paulo* newspapers in relation to both events, especially the tragedy of St. Petersburg. Thus, in order to verify this possible divergence, the present study comparatively analyzed the articles published by the newspapers about the attacks through the images, position and size of the texts and time of repercussion. In addition, the selection criteria behind the relevance given to each subject were studied. The analyzes were based on theories on criteria of newsworthiness, selective outrage and the international journalism editorial, developed by communication authors such as Nelson Traquina, Tom Wolf and Walter Lippmann. After the studies it was possible to confirm the initial hypothesis of the project on the disparity in coverage of the attacks, with greater emphasis on the attack of St. Petersburg, which obtained reports with more complex approaches and priority

in the order of publication. It was also possible to propose a reflection on current journalistic conduct, the influence of economic interests on journalistic editorial and the commitment of journalism to the public.

**Keywords:** Journalistic coverage. Attacks. Repercussion.

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com o artigo *A cobertura das tragédias e a consequente indignação seletiva* produzido pelas jornalistas Mônica Mourão e Helena Martins e publicado em um blog da revista *Carta Capital*, a indignação seletiva caracteriza-se como um sentimento de revolta por parte do indivíduo diante de uma situação que lhe pareça injusta ao atentar contra seus valores. Dessa forma, faz com que haja uma manifestação voltada apenas para acontecimentos que vão de acordo com a experiência cultural e com a inclinação política, religiosa e ideológica de cada ser humano, ao passo que desconsidera questões que são alheias a esses aspectos (MARTINS; MOURÃO, 2015, online).

Ainda segundo as jornalistas, o modo como cada indivíduo reage diante de uma tragédia é determinado pelas experiências vivenciadas por eles e pelo conhecimento adquirido acerca do lugar em que o desastre ocorre, o qual é propiciado, majoritariamente, por meio dos meios de comunicação (2015, online). O conhecimento da população acerca do mundo baseia-se nas informações transmitidas pelos veículos, as quais vão de acordo com os critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2005) e os interesses de cada veículo (SANTOS, 2012, online). Nesse contexto, a mídia pode ser considerada como agente intermediária na relação entre o homem e o mundo que o cerca e, portanto, de grande influência na repercussão dos fatos.

O artigo publicado pelo portal online da revista *Carta Capital* aponta para uma cobertura dissonante na mídia acerca de desastres e violência cuja visibilidade é voltada para regiões que despertam o interesse econômico de empresários da área da comunicação. De acordo com o Artigo 7º previsto no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação. Sendo assim, todo e qualquer atentado contra a integridade física do ser humano é digno de cobertura equânime.

O foco do presente estudo foi, então, investigar como se dá o processo de escolha das notícias em destaque e estabelecer uma relação entre a repercussão dos fatos e a consequente indignação seletiva. Para isso, foram desenvolvidas análises e comparações acerca da cobertura das seções de Jornalismo Internacional dos jornais impressos *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* sobre os atentados terroristas em São Petersburgo, na Rússia e em Mogadíscio, na Somália; ambos ocorreram nos meses de abril e outubro de 2017, respectivamente.

Os veículos *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* foram escolhidos para o desenvolvimento da análise das coberturas jornalísticas pois, de acordo com dados

publicados pela Associação Nacional de Jornais, são os jornais de maior circulação no estado de São Paulo. Ademais, são veículos reconhecidos pela seriedade com que produzem as notícias e, portanto, de grande credibilidade para o público. Pode-se acrescentar, ainda, a diferença nas linhas editoriais dos jornais e, conseqüentemente, a abordagem própria de cada veículo. A *Folha de S. Paulo* considera-se um jornal pluralista, crítico e independente, enquanto *O Estado de S. Paulo* posiciona-se de forma mais conservadora no âmbito político e liberal no âmbito econômico.

A partir dessa controversa realidade surgiu a proposta deste projeto que busco responder a seguinte pergunta: como foi o processo de produção e publicação das matérias sobre os atentados terroristas da Somália e São Petersburgo nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*?

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Ao refletir sobre o tema *O papel da mídia na construção da indignação seletiva* nota-se a presença de dois conceitos a serem discutidos: critérios de noticiabilidade e indignação seletiva.

De acordo com as jornalistas Mônica Mourão e Helena Martins (2015, online), do blog Intervezes

a decisão do que é e do que não é notícia, além de que notícia é mais importante que outra, é baseada em diversos critérios, sistematizados por diferentes autores, ensinados nas escolas de jornalismo e incorporados ao cotidiano das redações.

Assim, a seleção de notícias compreende exatamente essa configuração e pode ser comparada, segundo Wolf (2005, apud SILVA, 2004, online) a um funil no qual se coloca um grande número de informações em que poucas são filtradas. O filtro a que o professor se refere, é, na verdade, a noticiabilidade, definida por ele como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos”.

### **Critérios de Noticiabilidade**

Para Bourdieu, os jornalistas possuem óculos particulares que os permitem identificar o que é uma notícia. “Os jornalistas têm seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam

uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado”. (1997, BOURDIEU apud TRAQUINA, 2005, p. 77).

A essa seleção de fatos que podem se tornar noticiosos atribui-se o conceito de valores-notícia, definido por Wolf como

o conjunto de elementos por meio dos quais o aparato informativo controla e administra a quantidade e o tipo de acontecimentos que servirão de base para a seleção das notícias. [...] Eles representam a resposta à seguinte pergunta: quais acontecimentos são considerados suficientemente interessantes, significativos, relevantes, para serem transformados em notícia? (WOLF, 2005, p.202).

Esses critérios, de acordo com o autor, são articulados a partir da cultura profissional dos jornalistas e da organização do trabalho nos processos de produção das notícias. A primeira é entendida por Garbarino (1982 apud WOLF, 2005, p. 195) como um “emaranhado de códigos, estereótipos, símbolos, representações de papéis e convenções relativas às funções da mídia e dos jornalistas na sociedade. [...] A ideologia se traduz numa série de paradigmas e práticas profissionais adotadas como naturais”. Já a organização do trabalho permite a construção de convenções profissionais que “determinam a definição de notícia, legitimam o processo de produção (do uso das fontes à seleção dos eventos, às modalidades de confecção) e contribuem para prevenir as críticas do público” (GABARINO apud WOLF, 2005, p. 195). Dessa forma, a noticiabilidade é determinada, segundo Wolf, como uma forma de verificar a aptidão de um fato se tornar notícia.

De acordo com o sociólogo Herbert J. Gans (1972 apud WOLF, 2005, p. 204), que discorre sobre o processo de seleção de notícias, os critérios existem para a “eficiência, a fim de garantir o fornecimento necessário de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro”.

Traquina, por sua vez, ressalta a importância da distinção entre os valores-notícia feita pelo italiano Mauro Wolf, entre valores-notícia de produção e de construção. Enquanto os valores de produção referem-se à seleção dos fatos, os de construção funcionam como roteiros para a apresentação da notícia (2005, p. 78).

Para Wolf, o processo de seleção deve ser contextualizado nos procedimentos de produção de notícias nos quais eles adquirem significado. O autor italiano destaca as três fases principais da rotina de produção de informação sendo elas a coleta, a seleção e a apresentação ou edição. A primeira fase é caracterizada pela preocupação em ter notícias suficientes para publicar nos veículos.

A coleta dos materiais noticiáveis é influenciada pela necessidade de se ter um fluxo constante e seguro de notícias, a fim de conseguir confeccionar, a cada vez, o produto exigido. Naturalmente, isso acaba por privilegiar os canais de coleta e as fontes que mais satisfazem essa exigência: as fontes institucionais e as agências (WOLF, 2005, p. 231).

Em seguida, há o processo de seleção de notícias, no qual ocorre uma conversão das informações coletadas ou recebidas por correspondentes, enviados e agências em notícias. Os acontecimentos são filtrados de acordo com sua relevância e guiados pela necessidade de serem eficientes. “É necessário vê-la como um processo complexo, que se desenvolve ao longo de todo o ciclo de trabalho, realizado por instâncias diferentes e com motivações que não são todas reconduzíveis à necessidade direta de escolher quais notícias difundir” (2005, p. 255).

Por fim, no processo de edição e apresentação de notícias, há uma contextualização dos acontecimentos nos âmbitos social, político, econômico, histórico e cultural para inseri-los no formato do noticiário. Wolf acrescenta que o formato utilizado pelos veículos de comunicação “representa o contexto em que são percebidas e a que são comensuradas a relevância e a significatividade das notícias” (2005, p. 259).

Além dos valores-notícia, pode-se considerar, ainda, outros critérios noticiosos responsáveis por fundamentar matérias de cunho jornalístico. Kunczick (2001, apud SILVA, 2004, online), em sua obra *Conceitos do Jornalismo*, cita alguns critérios surgidos ao longo da história, dentre os quais encontra-se o de *Lectioe Novellarum*, que tinha como fundamento distinguir informações verdadeiras e falsas. Já Daniel Hartnack acreditava que as consequências de um acontecimento decidiam se ele deveria ser publicado ou não.

Peucer (apud SILVA, 2004, p.7), autor da primeira tese sobre Jornalismo<sup>1</sup> apresentada em uma universidade, afirmou em seu livro *Os relatos jornalísticos* que o que é comum merece pouco valor informativo. Ademais, listou tudo aquilo que considerava digno de ser publicado:

os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza, da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente, fatos que têm sido mais abundantes do que nunca neste século. Depois as diferentes formas de impérios, as mudanças, os movimentos, os afazeres da

---

<sup>1</sup> *De relationibus novellis* é considerada a primeira tese doutoral sobre Jornalismo e foi apresentada em 08 de março de 1690 na Universidade de Leipzig, na Alemanha.

guerra e da paz, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos (...).

Além disso, Kunczick (apud SILVA, 2004, p.7) também menciona o autor alemão Kaspar Stieler em sua obra, o qual atribuiu aos redatores dos jornais a responsabilidade de diferenciar fatos ordinários de relevantes e apontou a novidade, a proximidade geográfica, a proeminência e o negativismo como fatores de destaque.

Na obra *Teorias do Jornalismo*, os autores Galtung e Ruge (apud TRAQUINA, 2005, p.70) enumeram doze valores-notícia

1) a freqüência, ou seja, duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambigüidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” idéia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8) a composição, isto é, a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoas de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do acontecimento; 11) a personalização, isto é, a referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, ou seja, segundo a máxima “bad news is good news”.

Segundo os autores, o número de valores-notícia no qual um acontecimento se encaixa é proporcional à sua chance de ser publicado. No entanto, essa lógica de noticiabilidade seguida por muitos veículos “é subvertida quando segui-la prejudica interesses políticos e econômicos dos veículos de comunicação”. (MOURÃO, MARTINS, 2015, online). De acordo com o jornalista Lippmann (2008, p.13), isso ocorre pois

a ansiedade da imprensa reside mais em conquistar a atenção do público e vendê-las aos anunciantes do que servir com informação privilegiada e relevante aos indivíduos. Para se assegurar que este esforço de conquistar audiência não seja frustrado a imprensa serve à comunidade uma dieta diária de informação que vai ao encontro do leque dos desejos, expectativas e estereótipos já cultivados, privilegiando o noticiário local sobre o nacional e o nacional sobre o internacional [...]

Por esse motivo, muitos fatos que possuem valores-notícia relevantes deixam de ser publicados ou, quando o são, não recebem o devido destaque. Outro motivo apontado pelo jornalista Elster Hansen (2016, online) para a seleção de notícias se deve ao fato de a mídia impressa “não ter estrutura nem disposição para tratar das contingências da vida” e, conseqüentemente,

a máquina midiática recorta e repete certos temas – tidos como formais e pesados – do contexto diário, procura reduzi-los e simplificá-los para que

gerem o máximo de impacto possível na sociedade. E, em geral, o restante do espaço é destinado a satisfazer a curiosidade do povo – coisas amenas, leves, e às vezes fúteis – assim, em resumo, preenchendo nossa agenda de comentários e trazendo a sensação que estamos bem informados.

Quanto à escolha do assunto que merece ganhar maior visibilidade, Hansen (2016, online) afirma que ao passo que a mídia opta por dar destaque a algum acontecimento, outros fatos são deixados ofuscados e tratados de forma secundária.

De acordo com Traquina, a política editorial da empresa jornalística também pode influenciar diretamente o processo de seleção dos acontecimentos.

A criação de espaços regulares, como suplementos e rubricas/seções, tem consequências diretas sobre o produto jornalístico de uma empresa porque a existência de espaços específicos sobre certos assuntos ou temas estimula mais notícias sobre esses assuntos ou temas, porque tais espaços precisam ser preenchidos (2005, p. 93).

Embora os critérios facilitem o trabalho cotidiano da cobertura jornalística, eles podem dificultar a compreensão de aspectos significativos dos fatos. “Desse modo, a noticiabilidade constitui um elemento da distorção involuntária, contida na cobertura informativa dos meios de comunicação” (WOLF, 2005, p. 199). Isso é explicado por Altheide (1976 apud WOLF, 2005, p. 199) ao argumentar que os critérios de notícia dependem sempre dos interesses e das necessidades dos jornalistas e veículos de comunicação. Não há, no entanto, regras que indiquem que critérios têm prioridade sobre outros. Portanto, a definição de notícia para membros da tribo jornalística “não é científica, aparece como instintiva e permanece quase como uma lógica não explicitada” (TRAQUINA, 2005, p. 96).

### **Indignação Seletiva**

De acordo com as jornalistas Mônica Mourão e Helena Martins (2015), a forma como as pessoas reagem a tragédias é influenciada pelo repertório e pelas experiências vivenciadas por cada indivíduo.

Somos diversos, com diversas experiências e bagagens afetivas e culturais, que influenciam na forma como reagimos a cada tragédia. Parte significativa dessa bagagem, do conhecimento que temos dos lugares, povos e tragédias vem de um lugar comum: os grandes meios de comunicação (2015, online).

Ao informar sobre regiões que nem sempre são conhecidas pelo público, a mídia contribui para que haja uma familiaridade maior com determinados locais em detrimento de outros pela forma como essas notícias são construídas e as coberturas são ou deixam de ser feitas, com o descarte de fatos que não são considerados relevantes. Para as jornalistas, “Todas as vidas ceifadas, assim como toda destruição e violência deve nos indignar e atravessar profundamente, inclusive aquelas que ganham, quando muito, um mínimo espaço nas páginas policiais” (2015).

Segundo Nilton Hernandez (2006 apud SANTOS, 2012, online), o jornal manobra a compreensão da plateia “no sentido do que deve ou não ser valorizado, direciona as expectativas, mostra pontos de maior ou menor interesse nos níveis sensível, inteligível e passional”. Lippmann (2008) acrescenta outros elementos que influenciam a repercussão dos fatos, a saber:

a atenção e o interesse limitado frente ao universo de informações sobre os acontecimentos; a limitação do potencial de comunicação das palavras e dos meios técnicos para transportá-las; os estereótipos; os interesses particulares e as formas de construção dos interesses comuns; a censura e a restrição a algumas informações; a falta de contato com os acontecimentos ou a oportunidade de conhecê-los; e, mesmo, o tempo em que a experiência humana ocorre.

Essas manobras exercidas pelos jornais com a finalidade de sensibilizar o leitor foi estudada por Maxwell McCombs e Donald Shaw e formulada como Teoria do Agendamento, a qual defende que o público “tende a dar mais importância aos assuntos que têm maior exposição nos meios de comunicação, sugerindo assim que é a mídia quem diz sobre o que iremos falar” (HANSEN, 2016, online).

No entanto, a postura exercida pela mídia impressa como agente causadora da sensibilização do espectador diante de um fato faz com que deixe de haver uma relação entre emissor e receptor, o qual perde a função de coautor do jornal. Para Marcondes Filho (1998 apud Santos, 2012, online)

os grandes meios de comunicação são formadores unilaterais da comunicação. Os receptores os recebem e são (podem ser) por eles mobilizáveis. Não há troca, intercâmbio entre os dois atores do processo social.

O posicionamento dos meios de comunicação também pode ser explicado, de acordo com o jornalista Hansen (2016), por relações de poder. “A mídia tende a reproduzir a ideologia do sistema dominante a serviço dos interesses e perspectivas das elites

políticas, a fim de sustentar determinada visão de mundo”. Já no âmbito econômico, em que a informação se torna uma mercadoria, há um apelo para seduzir e até mesmo o sensacionalismo para atrair o consumidor para o produto notícia.

Mesmo diante de tantas limitações na cobertura e a sonegação de muitos assuntos do conhecimento público, as notícias apresentadas condicionam e intensificam nossas preocupações com corrupção, violência, política, economia, meio ambiente e terrorismo à proporção que aparecem na imprensa (HANSEN, 2016).

Sendo assim, para que haja um melhor funcionamento do sistema de comunicação, é necessária uma relação contratual que contenha aspectos como “dizer a verdade, separar fatos de opiniões e interpretações, ser objetivo e imparcial nos relatos, mostrar a realidade” por parte dos veículos comunicativos (SANTOS, 2012, online). Os conceitos verdade e notícia, no entanto, não devem ser confundidos. Lippmann (apud SANTOS, 2012) argumenta que a verdade deve “luminar fatos escondidos relacionando-os com outros a fim de produzir uma imagem da realidade que permita às pessoas agirem. Ao jornalismo caberia simplesmente sinalizar os eventos”.

Há controvérsias no campo jornalístico a respeito de conceitos como objetividade e imparcialidade. O manual de redação do jornal Folha de S. Paulo (2001 apud SANTOS, 2012, online) afirma não haver objetividade no jornalismo. “Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”. Em relação à imparcialidade, Hernandes (2006 apud SANTOS, 2012) argumenta ser ingenuidade acreditar que a ideologia se encontra apenas nos editoriais de jornais.

Noblat (2002 apud HANSEN, 2016, online), entretanto, atribui ao jornalista a principal função de conduzir o “conjunto de valores [...] que orientam o aperfeiçoamento de uma determinada sociedade”. Valores esses determinados por ele como a “liberdade, a igualdade social e o respeito aos direitos humanos” a fim de promover um jornalismo marcado pela diversidade de ideias, sem a marginalização das minorias.

Nesse contexto, Mônica Martins e Helena Mourão ressaltam a importância de questionar as consequências da grande concentração num setor que deveria ser regido pela pluralidade e pela diversidade de ideias, como preza qualquer boa democracia, assim como

a quem serve a fragmentação da indignação do público, que tem como pano de fundo, por mais clichê que seja a afirmação, um sistema mundial de opressões que pune e invisibiliza “minorias” sociais do Ocidente ao Oriente, nas grandes cidades, periferias, morros e favelas; no campo e nas reservas

indígenas e ambientais; na esquina da nossa casa (MARTINS; MOURÃO, 2015, online).

O jornalista Elstor Hansen, por sua vez, argumenta ser necessário combater esse vácuo informativo por meio da compreensão por parte do leitor dos processos de produção jornalística, pois é por meio deles que “as mídias suscitam, salientam, rejeitam e menosprezam fatos para comporem a grade informativa diária, com a qual pretendem obter a nossa atenção e ganhar, em consequência, a repercussão e a agenda pública” (2016, online). Ele sugere, dessa forma, uma autonomia por parte do público em ir além do que os meios de comunicação oferecem.

### **Jornalismo Internacional**

Nas editorias internacionais, os critérios de seleção de notícias são ainda mais rigorosos haja vista o grande volume de notícias recebidas diariamente de agências de notícias. “Há a intermediação de agências, dos comentaristas estrangeiros de cujas colunas o jornal é assinante, dos serviços que fornecem fotografias e infográficos” (NATALI, 2007, p. 9).

Essa intermediação tem início no século XIX, na França, expandiu-se ao longo dos anos e tornou-se a maior fonte de notícias internacionais de grandes corporações jornalísticas. De acordo com o jornalista e escritor João Batista Natali (2007, p. 31) isso se deve à viabilidade econômica, pois um texto de agência sai mais barato do que um produzido por correspondente ou enviado especial. No entanto, uma das consequências dos serviços de agências apontada por Natali é o relativo apartidarismo noticiário, o qual o autor afirma não ser uma postura ética, mas de mercado. Para Wolf, as agências também acabam determinando uma forte homogeneidade e uniformidade sobre as definições daquilo que faz a notícia. “Dentre os eventos, acabam por ser considerados noticiáveis os que as agências noticiam” (2005, p. 245).

Natali acrescenta, ainda, sobre a influência do público consumidor de informações internacionais na produção de notícias. “O leitor da editoria Internacional faz parte de um segmento minoritário e mais bem informado do leitorado. É um leitor que possui critérios menos provincianos e mais metropolitanos de interesse” (2007, p. 55).

O autor discorreu em sua obra sobre um dia em que vivenciou em uma redação de jornal, no qual foram entregues cerca de 1.400 textos de agências internacionais, e, destes, os jornais publicaram uma média de 15 títulos no dia seguinte. O autor ressalta que não foram 1.400 notícias diferentes alegando haver uma certa redundância com três

ou quatro agências abordando o mesmo assunto, mas, ainda assim “nenhuma outra editoria de jornal põe no lixo uma quantidade tão incrível de informações. O que é também uma maneira de dizer que nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e qualificados de seleção” (NATALI, 2007, p. 10-11).

Natali declara haver um mínimo denominador comum nos critérios de noticiabilidade utilizados nas seções de Jornalismo Internacional que conduzem à valorização de um número reduzido de temas.

Guerras são, em princípio, importantes, embora algumas tenham visibilidade maior que as outras. Eleições em países vizinhos ao Brasil ou influentes em termos mundiais são importantes também [...] Epidemias, com seus efeitos humanos, demográficos e econômicos estão sempre na pauta. Há ainda essa imprevisibilidade que comove e que são as inesperadas tragédias (2007, p. 13).

Dentre os motivos citados pelo jornalista para a valorização de determinados acontecimentos em detrimento de outros, está a acessibilidade ao fato jornalístico que pode estar ligada a questões geográficas e políticas. Geograficamente, regiões que possuem sucursais de agências de notícias são privilegiadas nos noticiários. Em relação às questões políticas, o autor discorre sobre as limitações de liberdade de imprensa em determinados locais e a consequente dificuldade na obtenção de informações (2007, p. 15).

Os países Rússia e Somália, os quais serão os objetos de análise do presente estudo são áreas consideradas, de acordo com a Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa, localizações de grande limitação na liberdade de imprensa. As posições de ambos países são relativamente próximas, portanto, espera-se uma cobertura midiática semelhante no que diz respeito aos critérios jornalísticos.

Natali não descarta, no entanto, a discriminação presente no noticiário

Em princípio o noticiário deveria dedicar uma quantidade maior de palavras a um acidente em que morreram muitas pessoas e uma quantidade menor de palavras a um acidente em que morreram poucas. Não é, porém, o que acontece (2007, p. 14).

O jornalista analisou em sua obra a dissonância nas coberturas jornalísticas impressa sobre as quedas de avião em Luanda e em Paris, no ano 2000. O primeiro acidente, com 39 mortos, foi noticiado pela *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* com aproximadamente 5 e 11 palavras por morto, respectivamente. Já o segundo, com 113

mortos, obteve 39 palavras destinadas a cada morto pela *Folha de S. Paulo* e pelo *O Estado de S. Paulo*, 25. Natali ressalta, ainda, que o acidente em Paris foi noticiado durante oito edições consecutivas pelos grandes jornais do mundo inteiro, o que o levou a afirmar que “queda de avião pobre em país pobre é menos notícia que a queda de avião rico em país rico” (NATALI, 2007, p. 14).

Com o advento da Internet, entretanto, Natali relata que as fontes de notícias deixaram de ser majoritariamente de agências de notícias. O jornalista passa a possuir, diante de si, monografias que detalham os antecedentes do assunto que ele está retratando além de uma contextualização histórica mais ampla que a fornecida pelas agências. “Não há competência profissional sem que tenhamos em nossas pautas uma visão clara daquilo que está historicamente por detrás da notícia e que as agências internacionais não nos transmitem. [...] O que precisamos é manter acessa nossa curiosidade” (NATALI, 2007, p. 72).

### **3. METODOLOGIA**

Para analisar os critérios de noticiabilidade da cobertura internacional impressa sobre tragédias e a consequente construção da indignação seletiva no público foi traçado um caminho metodológico a ser seguido.

A princípio, utilizou-se a pesquisa exploratória na qual a partir do método indutivo, observou-se o destaque nas reportagens de determinados fatos em detrimento de outros. A constatação desse fenômeno serviu de base para a formulação do tema e para a busca de informação que auxiliou na formulação de hipóteses.

Posteriormente, o objetivo passou a ser analisar de forma comparativa como é feita a cobertura impressa de tragédias dos ataques terroristas em São Petersburgo e na Somália. Ambas regiões são classificadas em posições baixas de acordo com o Mapeamento Mundial da Liberdade de Imprensa de 2017, realizado pela organização Repórteres Sem Fronteiras. Para isso, observou-se por meio de uma abordagem qualitativa o espaço cedido nas páginas de seções de jornalismo internacional dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* para os atentados, o tempo de duração da cobertura sobre os fatos, a escolha dos títulos das matérias assim como das imagens e do discurso utilizado nas reportagens, a fim de interpretar as construções ideológicas presente nos textos e relacioná-las com a repercussão dos acontecimentos.

O objetivo da análise comparativa foi investigar os possíveis critérios de noticiabilidade selecionados pelos veículos de comunicação a partir das hipóteses levantadas com base bibliográfica, a fim de esclarecer como os elementos que compõem as matérias influenciam na forma como o público irá receber e reagir aos fatos.

Dentre as obras escolhidas para auxiliar na compreensão acerca do eixo teórico do papel da mídia na recepção dos fatos por parte do público, destaca-se *Teorias do Jornalismo*, do autor Nelson Traquina, na qual o autor fala sobre a influência do jornalismo na sociedade contemporânea a partir da perspectiva de pensadores da teoria do agendamento. Também foi utilizado o livro *Teorias da comunicação de massa*, de Mauro Wolf, o qual aborda o conceito de valores-notícia como componente dos critérios de noticiabilidade.

O artigo periódico *Para pensar critérios de noticiabilidade*, de Gislene Silva, reúne a perspectiva de diferentes estudiosos acerca dos critérios de notícia e, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento do presente estudo. Acrescenta-se, ainda, o artigo *A mídia e os interesses políticos e econômicos: o jornalismo como elo entre a sociedade e a informação*, de Giovani Santos e Susane Santos, o qual revela os possíveis interesses oriundos dos meios de comunicação em publicações de notícias. Por fim, utilizou-se a obra *Jornalismo Internacional*, do jornalista João Batista Natali, a qual discorre sobre as técnicas e as complexidades nas quais os processos de produção de notícias internacionais estão inseridos.

Para se pensar o eixo teórico da indignação seletiva, foi utilizado o artigo *Como a mídia influencia as nossas opiniões*, do jornalista Elstor Hansen (2016), no qual é feita uma análise sobre a relevância de determinados acontecimentos em detrimento de outros e os interesses por trás das publicações. Ademais, Walter Lippmann (2008) discorre sobre o impacto das publicações noticiosas na consolidação da opinião da população em sua obra *Opinião Pública*.

#### **4. RESULTADO E DISCUSSÃO**

O atentado em São Petersburgo, na Rússia, ocorreu no dia três de abril de 2017. Após a explosão de uma bomba no metrô da cidade russa, 11 pessoas morreram e quase 50 ficaram feridas. No dia seguinte ao ataque, o jornal impresso *Folha de S. Paulo* reportou o acontecimento na primeira página, como o primeiro destaque do jornal, apesar de não ser a matéria principal da edição. O destaque contou com 12 linhas e uma foto em grandes proporções da agência de notícias internacional Associated Press.

A reportagem, publicada na seção Mundo do veículo, foi a primeira da editoria e ocupou um espaço de uma página inteira com três outras fotografias, também reproduções das agências de notícias Reuters, Associated Press e Agence-France Press. Além disso, a matéria contou com uma linha do tempo com o histórico de atentados no país e um esquema para exemplificar detalhadamente onde e como ocorreu a explosão no metrô. Foi redigida por um jornalista correspondente de Madri, o qual, com auxílio de

informações advindas das agências ofereceu detalhes sobre como o atentado ocorreu, dados sobre a cidade atingida, sobre quantas pessoas o metrô transporta diariamente e destaque ao fato do presidente do país, Vladimir Putin, estar na cidade no momento da explosão. A matéria contou, ainda, com uma investigação acerca do responsável pelo atentado e com uma análise elaborada por um jornalista da redação de São Paulo, Igor Gielow, na qual foi abordada as possíveis causas do atentado e as medidas providenciadas para combater o problema.

Seis meses mais tarde, no dia 14 de outubro de 2017, o mesmo aconteceu em Mogadíscio, capital da Somália, mas com proporções significativamente maiores. Uma explosão de dois caminhões-bomba deixou mais de 500 mortos no país. *A Folha de S. Paulo*, porém, reportou o fato somente dois dias após o acontecido. No dia 16 de outubro de 2017, o atentado foi publicado na primeira página de forma similar ao ataque na Rússia. Também foi o primeiro destaque da página principal, com uma fotografia de proporções grandes replicada da agência Reuters mas com um texto com quatro linhas a mais do que o destaque para o atentado russo. Na reportagem, no entanto, a disparidade é expressiva.

O ataque no país africano, que deixou um número de mortos 50 vezes maior do que no país russo, foi a terceira matéria publicada na seção Mundo perdendo para assuntos como as eleições na Venezuela e denúncias de corrupção, também na Venezuela. A reportagem contou com a metade do espaço utilizado pela publicação sobre o ataque na Rússia e teve a reprodução de apenas uma fotografia da Agence-France Press. Esquemas sobre a explosão que, ao contrário da bomba de São Petersburgo destruiu dezenas de prédios -dentre eles a embaixada do Qatar- e veículos, assim como histórico de atentados anteriores não foram encontrados na publicação. Em relação aos suspeitos do ataque, integrantes do grupo fundamentalista islâmico Al-Shabaab, as informações não foram aprofundadas, assim como medidas para combater o terrorismo na região. Contudo, a *Folha de S. Paulo* publicou uma análise acerca do ocorrido, assim como no atentado na Rússia, maior do que a própria matéria, com uma contextualização sobre a Somália, sobre o grupo Al-Shabaab e sobre as causas do terrorismo no país. Deve-se acrescentar, ainda, a inserção de uma personagem na reportagem, a esposa de uma das vítimas do atentado, com uma única declaração.

No dia seguinte à primeira publicação sobre o ataque russo, 5 de abril de 2017, a *Folha de S. Paulo* publicou o desdobramento da notícia. A matéria não obteve menção na primeira página do jornal, mas foi a segunda notícia na seção Mundo e ocupou a maior parte da página. Foi produzida novamente pelo correspondente de Madri, Diogo Bercito, e contou com a fotografia de uma personagem. Além disso, detalhes sobre o autor do

ataque com entrevistas de pessoas ligadas a ele e o posicionamento de autoridades em relação a medidas de combate à atentados também estiveram presentes na reportagem.

O desdobramento do ataque somali no dia 17 de outubro de 2017, contudo, foi publicado em uma coluna na última página da seção Mundo, com informações atualizando o número de mortos e feridos, uma breve citação sobre os maiores atentados da África e os suspeitos do ataque. Ao contrário da notícia sobre o atentado em São Petersburgo, a matéria sobre o ataque somali foi redigida pelas agências de notícias.

No terceiro dia após a primeira publicação de ambos os ataques, a *Folha de S. Paulo* encerrou a cobertura jornalística acerca dos atentados.

O jornal impresso *O Estado de S. Paulo*, assim como a *Folha*, também divulgou a primeira matéria sobre o atentado em São Petersburgo no dia seguinte ao ocorrido, em sua página principal, a qual foi reportada em 11 linhas com uma foto destaque. Na seção Internacional, o fato foi o primeiro a ser noticiado e ocupou mais de a metade da página com uma fotografia, um esquema para representar como os ataques aconteceram e outro com a cronologia dos últimos ataques terroristas na Rússia. A matéria foi produzida por quatro agências de notícias (Reuters, AFP, AP e EFE) e um jornal norte-americano (New York Times), na qual havia a identificação do autor do ataque, detalhes sobre as destruições causadas pelo atentado e como elas foram feitas, testemunhas investigadas, personagens, contextualização do ataque e medidas tomadas pelas autoridades. É preciso acrescentar a relevância atribuída à presença do presidente russo Vladimir Putin na cidade no momento do atentado, considerada um valor-notícia de personalização segundo Traquina (2005, p. 70), critério que faz referência às pessoas envolvidas. Nesse caso, o presidente não esteve envolvido mas somente o fato de ele estar próximo ao ocorrido tornou-se um motivo de destaque à notícia.

De forma análoga à *Folha*, *O Estado de S. Paulo* também reportou o atentado em Mogadíscio apenas dois dias após seu acontecimento, no dia 16 de outubro de 2017. Na primeira página do jornal, a matéria foi destaque com 11 linhas em sua chamada, mas sem fotografia. Apesar de estar dentro dos critérios de noticiabilidade de amplitude, de fatos inesperados e negativismo, a reportagem foi a segunda publicação na seção Internacional, cedendo o primeiro lugar para as eleições venezuelanas, e ocupou  $\frac{1}{3}$  da página. Advindas das agências EFE, AP e AFP, a matéria continha uma fotografia, informações sobre a região onde os atentados ocorreram, quais locais foram atingidos e destruídos, entrevista com políticos e uma breve contextualização sobre o grupo suspeito de estar ligado ao ataque e suas motivações. Houve comentários internacionais, mas nenhuma mobilização ou medidas de combate à atentados terroristas no país.

No dia 5 de abril de 2017, *O Estado de S. Paulo* publicou mais uma matéria sobre o ataque em São Petersburgo dando continuidade à matéria do dia anterior. O desdobramento foi publicado na segunda página da seção Internacional. Com quatro colunas ou  $\frac{1}{3}$  da página, uma fotografia do autor do ataque retirada de sua rede social, a reportagem discorreu sobre detalhes do culpado, detalhes da investigação, políticas de prevenção a novos atentados e mais informações sobre as vítimas. Essa foi a última publicação acerca do atentado na Rússia pelo *O Estado de S. Paulo*.

O ataque em Mogadíscio também obteve sequência no dia 17 de outubro de 2017. A matéria também foi redigida em quatro pequenas colunas, com uma fotografia das vítimas enviada pela Reuters e o texto das agências de notícias AP e AFP e do jornal New York Times. O enfoque da matéria foi o trabalho de resgate das vítimas nos escombros dos edifícios destruídos e sobre as suspeitas do grupo terrorista Al Shabaab como responsável pelo atentado, assim como mais detalhes de como o incidente ocorreu.

Por fim, no dia 18 de outubro o jornal publicou sua última matéria a respeito da explosão somali. Essa matéria assemelhou-se à uma nota jornalística. Sem fotografia e em duas colunas, o veículo reportou ações de países como Turquia, Catar, Quênia e Estados Unidos para ajudar as vítimas do acontecimento. Contudo, medidas para combater os ataques ou o terrorismo, frequentes na região, não foram consideradas. A notícia teve suas informações originadas da agência EFE.

A partir da análise, é possível constatar que os critérios de noticiabilidade citados por Peucer (apud SILVA 2004), Stieler (apud SILVA, 2004) e Traquina (2005) os quais incluem guerras, negatividade, amplitude e continuidade fazem parte das matérias sobre os dois atentados.

As duas regiões escolhidas para a análise possuem a mesma classificação acerca da liberdade de imprensa, no entanto, percebeu-se uma preocupação dos veículos em direcionar recursos financeiros com correspondentes apenas em São Petersburgo.

Os conteúdos publicados sobre o atentado na Somália foram integralmente enviados por agências de notícias, o que demonstra uma dependência dessas instituições na cobertura da região africana. Apesar da contribuição das agências na dinamicidade da distribuição de informações na atualidade, os conteúdos são pouco trabalhados, com uma apresentação muitas vezes superficial acerca de um fenômeno. Além disso, a dependência exclusiva de agências é no mínimo arriscada, visto que ao reproduzi-la integralmente há uma disseminação de um único ponto de vista sobre um fato, o que é considerado controverso no ambiente jornalístico.

A preferência dos dois veículos na publicação sobre as eleições venezuelanas em detrimento de uma tragédia que resultou em mais de 500 mortes, a julgar segundo critérios técnicos de noticiabilidade, também revela o posicionamento distanciado dos jornais para com a Somália e para com os três primeiros artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, os quais asseguram a igualdade de direitos, em especial à vida, sem quaisquer tipos de distinção entre os seres humanos.

No entanto, seguindo o raciocínio de noticiabilidade, o atentado na Somália deveria receber uma maior cobertura do que a apresentada, visto que teve uma amplitude maior do que o atentado de São Petersburgo, com um número significativamente maior de mortos. Dessa forma, é possível comprovar a constatação de Altheide (apud WOLF, 2005), de que não existem regras para definir quais critérios possuem prioridade em detrimento de outros.

É perceptível, porém, que o critério valorizado pelos veículos foi o de proeminência, devido a presença da figura do presidente Vladimir Putin na cidade onde ocorreu o atentado e como esse detalhe foi destaque nas matérias. Além disso, interesses econômicos e editoriais também são uma explicação segundo Santos (2012) para a disparidade de cobertura sobre as tragédias explicitada no tamanho dos textos, nas imagens pouco retratadas sobre a Somália e numerosas sobre São Petersburgo assim como elementos de contextualização como linhas do tempo e gráficos nas publicações sobre o atentado russo.

Ademais, o Jornalismo possui uma característica fiscalizadora utilizada para pressionar as autoridades na resolução de um problema. A fraca investigação para com os autores dos atentados em território africano, ao contrário do ocorrido com os grupos terroristas russos, contribuem para a perseverança e até mesmo o fortalecimento de tragédias semelhantes na região da Somália. Nesse contexto, percebe-se uma falha do Jornalismo para com sua função social.

**CAPA DOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E ESTADO DE S. PAULO**



Fonte: Acervo Estado de S. Paulo.



Fonte: Acervo Folha de S. Paulo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *O papel do jornalismo na construção da indignação seletiva*, teve como objetivo analisar a cobertura jornalística feita pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo* sobre os atentados terroristas que aconteceram em São Petersburgo e na Somália, ambos em 2017.

A proposta da análise comparativa surgiu com o intuito de verificar se houve uma disparidade na forma como as matérias das duas tragédias foram trabalhadas a partir do processo de produção de notícias. Para isso, levou-se em consideração embasamentos teóricos sobre os critérios de noticiabilidade, a indignação seletiva e o funcionamento da editoria internacional.

Os critérios de notícia descritos por Silva (2005), Traquina (2005) e Wolf (2005) foram fundamentais para compreender quais fatores estavam por trás da publicação das notícias das tragédias, como a negatividade, amplitude e a notoriedade, esta última utilizada com veemência no atentado de São Petersburgo.

Ademais, compreender a rotina dos repórteres da editoria internacional nas redações de jornal - a qual possui um grande volume de textos recebidos de agências de notícias e um espaço enxuto para publicações, assim como os filtros utilizados nessa seção para a seleção de matérias, foram essenciais para entender a produção das notícias sobre as tragédias.

Por fim, o conceito de indignação seletiva apresentado por Mourão e Martins (2015) buscou explicar, para além de termos técnicos, outros fatores decisivos no momento de escolha de publicação de uma matéria, como interesses políticos e econômicos. Hansen, Lipmann e Santos também contribuíram com perspectivas teóricas a respeito desses interesses fortemente envolvidos na divulgação de informações.

Durante a análise, foi possível constatar uma diferença na cobertura dos dois atentados, com um maior destaque e repercussão ao atentado em São Petersburgo por meio de contextualizações, fotografias e prioridade na publicação, ainda que tenha acontecido em menores proporções quando comparado ao ataque na Somália, o qual estava fortemente relacionado com critérios de notícia de maior prioridade.

Essa constatação provoca uma reflexão acerca dos direcionamentos jornalísticos atuais, nos quais interesses econômicos ou editoriais se sobressaem em relação ao compromisso do Jornalismo com o público, de oferecer uma apuração precisa e uma cobertura justa sobre qualquer acontecimento que atente contra a dignidade humana.

## **6. REFERÊNCIAS**

HANSEN, Elstor. *Como a mídia influencia as nossas opiniões*. Disponível em: <<http://articulacaosindical.com.br/conjuntura/como-os-jornais-influenciam-nossas-opinioes-1353/>>. Acesso em: 15mai2019.

LIPPMANN, Walter. *Opinião pública*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARTINS, Helena; MOURÃO, Mônica. *A cobertura das tragédias e a consequente indignação seletiva*. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/a-cobertura-das-tragedias-e-a-consequente-indignacao-seletiva-4432.html>>. Acesso em: 02mai2019.

NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, Giovani; SANTOS, Susana. *A Mídia e os Interesses Políticos e Econômicos: o jornalismo como elo entre a sociedade e a informação*. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/fotos/PDF/politico.pdf>>. Acesso em: 15mai2019.

SILVA, Gislaine. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>>. Acesso em: 02mai2019.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo Volume II*. Florianópolis: Insular, 2 ed. 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**Contatos:** patriciacarvalhoite@gmail.com e denise.paiero@mackenzie.br